

LOGOTERAPIA, COMUNIDADE E EDUCAÇÃO

Ludwig Félix Machado Leal ¹

Ricard José Bezerra da Silva ²

Lorena Bandeira Melo de Sá ³

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre como a Logoterapia pode ser aplicada socialmente, especialmente no contexto da educação. Parte-se da compreensão que uma comunidade é composta por um grupo de pessoas que podem se realizar na medida em que fazem parte dela, onde a subjetividade deve ser respeitada. Assim, entende-se que na comunidade está a base para o desenvolvimento das pessoas, pois a partir dela o sujeito pode conhecer o mundo e aprender a interagir com ele. Na comunidade os sujeitos podem identificar-se ou não com o que lhes foi ensinado, podendo optar por dar continuidade ao modo de vida que aprendeu ou sair dela e ir em busca de outros valores, que também estarão presentes em outras comunidades. Desse modo, compreende-se que a comunidade é a base para a sociedade e que fora da inserção no meio social não há como tornar-se ser humano.

Palavras-chave: Comunidade; Educação; Logoterapia; Psicologia.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre como a Logoterapia pode ser aplicada socialmente, especialmente no contexto da educação, ampliando-se para além do ambiente clínico, de forma a alcançar o maior número possível de existências.

1 Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, ludwigleal@gmail.com;

2 Mestrando em Psicologia da Saúde pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, ricard.bezerra@gmail.com;

3 Professora orientadora: Mestre em Ciências das Religiões, professora da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, lobandeira@hotmail.com.

A Logoterapia ou Análise Existencial, desenvolvida pelo psiquiatra austríaco Viktor Emil Frankl (1905-1997), apresenta a espiritualidade como a dimensão específica do ser humano, caracterizando-se por sua impossibilidade de adoecer e tendência para aspectos positivos da existência humana. Desde o seu surgimento, a Logoterapia já se propunha a deixar uma contribuição social para o mundo. Frankl partia da compreensão de que muitos contextos culturais possuem valores universais e condições de sentido em comum, o que vai ser assimilado e vivenciado de modo subjetivo pelas pessoas em seus meios sociais

Nessa compreensão já na infância, o ser humano começa a se perguntar o porquê e para quê de fenômenos que acontecem em seu contexto. Muitas das angústias de origem existencial e relativas a perguntas sem respostas começam a aparecer na infância e podem acompanhar uma pessoa durante toda a sua vida. Por isso é importante trabalhar com as questões existenciais no contexto da promoção de saúde e da educação infantil com o intuito de estimular a expressão de valores e a resignificação do sofrimento subjetivo.

As comunidades desempenham um papel fundamental na existência de um indivíduo possibilitando sua inserção no meio social. Na Logoterapia os valores estão postos no mundo e a partir do que é ensinado pelas instituições sociais e pelas comunidades um indivíduo pode se constituir como pessoa (SANTOS, 2017).

A dimensão social do ser humano na Logoterapia é considerada essencialmente impessoal, tendo em vista que a responsabilidade sobre a existência de cada indivíduo não pertence à sociedade, mas sim ao próprio sujeito. No entanto, essa dimensão que constitui a pessoa pode ser a “expressão de unidades pessoais no interior de uma diversidade social” (SANTOS, 2017, p. 27), pois como sendo algo externo ao sujeito, permite a sua abertura ao mundo.

A transcendência, para a Logoterapia, acontece quando o indivíduo pode sair de si por meio de sua dimensão noética e, assim, realizar seus valores, encontrando sentido. O ser humano pode transcender a partir de um encontro existencial com o outro e encontrar sentido de vida. Estes sentidos podem se constituir no trabalho, no amor ou no sofrimento. Sabendo que dificilmente existe trabalho, amor ou sofrimento fora do ambiente social, é importante estar nesse meio para realizar sentido. A análise existencial parte da premissa que o homem só se torna homem quando fica absorvido pela direção a uma tarefa, quando se esquece de si mesmo no serviço a uma causa ou no amor a outra pessoa (FRANKL, 1969).

A dimensão social está presente em todas as outras três dimensões concebidas por Frankl, reconhecendo que o ser humano é aberto ao mundo. Portanto, não se pode se

constituir como um sujeito biopsiconoético fora do convívio social (SÁ, 2017). As condições biológicas, sociais e psicológicas são mediações entre o indivíduo e sociedade, que permitem que o ser humano desde a infância aproprie-se do patrimônio cultural, constituindo-se como sujeito social, impedindo que esta última dimensão esteja separada das demais (LIBÂNEO, 1984).

A capacidade de diferenciação e a autotranscendência são expressões do aspecto social, sendo a primeira a capacidade de diferenciar-se dos demais, o que faz com que o indivíduo estabeleça vínculos autênticos com os outros. A segunda capacidade diz respeito à intenção do homem de dirigir-se a algo ou alguém além dele mesmo, abrindo-se para o mundo (SÁ, 2017).

Outras expressões do aspecto social do ser humano podem ser percebidas através de atitudes negativas e inautênticas que o sujeito adota para consigo e com a sociedade, a atitude conformista e totalitarista são dois exemplos. É na atitude conformista o indivíduo age conforme a massa, abstendo-se de sua responsabilidade sobre sua existência, já na atitude totalitarista o indivíduo permite que outros escolham por ele, deixando a direção de sua existência nas mãos do meio social. Pode-se ainda citar o fanatismo e o pensar coletivista como formas de sintomas sociais. No pensamento coletivista o sujeito fica despersonalizado e descaracterizado diante da massa. No fanatismo o indivíduo legitima suas ações com base nos ideais de um grupo, enxergando-o como superior ao ponto de rechaçar outros grupos e ideais diferentes (HERRERA, 2007).

Para que se possa cuidar desses sintomas sociais, é preciso que se pense, sobretudo, em estratégias coletivas. Dessa forma, é importante que se trabalhe a Logoterapia não só através dos métodos e técnicas clínicas tão conhecidas e apreciadas, mas diante da demanda social que se tem, devem-se buscar cada vez mais outras vias para se construir pontes entre teoria e prática, de forma que o conhecimento teórico chegue às comunidades existentes em nossa sociedade.

MÉTODOS

Trata-se de uma revisão sistemática de literatura com a aplicação de estratégia de busca a artigos científicos selecionados com base em consulta às bases de dados Literatura

Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Para a busca, foram utilizadas as palavras-chave: Logoterapia, Psicologia Comunitária e Educação. Outra estratégia utilizada foi a busca manual nas listas de referências dos estudos selecionados para complementação da pesquisa através de livros e outros textos científicos.

Para a seleção dos artigos, inicialmente foi realizada a triagem dos títulos relacionados ao tema em questão. Essa seleção foi baseada nos títulos que abordassem como ideia principal: Logoterapia, comunidade e educação. Ao final da busca, foram excluídos os títulos repetidos, já que esta foi realizada em diversas bases de dados. Em seguida, foi feita a leitura detalhada dos resumos dos artigos a fim de selecionar aqueles que abordassem o tema. Foram excluídos os resumos que não versavam sobre o tema, os textos completos foram avaliados e os que não se enquadravam nos critérios de exclusão foram inclusos como resultado final da busca.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Frankl (1991) concebe a comunidade como um “grupo de pessoas que podem se realizar na medida em que fazem parte dela”, onde a unicidade é respeitada. Assim, entende-se que na comunidade está a base para o desenvolvimento das pessoas, pois, a partir dela, o sujeito pode conhecer o mundo e aprender a interagir com ele, onde também irá conhecer os valores que irão guiar sua existência. Na comunidade os sujeitos podem identificar-se ou não com o que lhes foi ensinado, podendo optar por dar continuidade ao modo de vida que aprendeu ou sair dela e ir em busca de outros valores, que também estarão presentes em outras comunidades. Desse modo, compreende-se que a comunidade é a base para a sociedade e que fora da inserção no meio social não há como tornar-se ser humano.

A inserção da psicologia, através da Logoterapia, na comunidade é importante, pois numerosos indivíduos tem tido pouco ou nenhum contato com os conhecimentos acadêmicos desenvolvidos nos últimos anos, no entanto, merecem ser beneficiados pelos avanços científicos assim como todo o ser humano. A comunidade, portanto, é unida por laços de afetividade coletivos e por similaridades socioeconômicas. Sendo assim, ao se trabalhar com uma comunidade, uma grande parte dos indivíduos que a ela pertença será afetada.

Considerando a comunidade como de suma importância para a sociedade, é preciso repensar e refletir sobre as formas e possibilidades de se trabalhar nesse meio. Para transformar a sociedade de forma efetiva, deve-se começar pela base, ou seja, pela

comunidade. Para isso, deve-se compreender que ao tocar no coletivo, toca-se também no indivíduo. Ao trabalhar somente com o indivíduo podem-se ter muitos avanços no que diz respeito a sua existência particular, mas quando se trabalha com o coletivo, percebe-se que os avanços são maiores por terem uma abrangência significativa sobre cada existência envolvida

Por muitos anos a prática da Logoterapia esteve predominantemente relacionada ao contexto clínico, porém, reconhecendo que esta possui uma preocupação, que tem crescido consideravelmente, com a dimensão social do ser humano, se faz necessário refletir sobre como os pressupostos teóricos de Frankl podem chegar à sociedade de outras formas, sabendo que a demanda social exige métodos e técnicas específicas para o contexto em que se trabalhe.

Quando se busca o alívio da dor subjetiva de um sujeito inserindo-o em um grupo, percebe-se que ali ele pode se encontrar com outras existências e compreender muito mais sobre si mesmo. Compreende-se por encontro a relação intersubjetiva onde há troca entre pessoas na dimensão física, ao perceber a existência do outro, e na pessoal, na resposta a existência do outro (GIOVANETTI, 1993). Nesse encontro com o outro através de um grupo, o indivíduo pode reconhecer que seu sofrimento é compartilhado por outras pessoas. Quando se estimula um indivíduo a fazer parte de um grupo, observa-se que surge um sentimento de pertença que é fundamental na promoção de saúde.

As intervenções sociais da psicologia são mais eficientes para redução do sofrimento individual dos sujeitos dentro das instituições sociais, como família e escola. Ainda segundo o autor, essas intervenções devem visar a prevenção das desordens emocionais e, além disso, estimular a consciência crítica e competência social do grupo como forma de promoção de saúde (ANDERY, 1984, pp. 205-206). Para tanto, a ajuda aos grupos se torna mais eficaz quando se é feita dentro da própria comunidade a qual pertencem. Desse modo, as práticas clínicas na comunidade devem ir ao encontro dos clientes, fazendo uma busca ativa das demandas existentes, aproximando o profissional da realidade social que ele deve trabalhar.

Compreende-se que a prática do psicólogo nos dias de hoje deve ser refletida para que surjam inovações e avanços, expandindo-se para o maior número de sujeitos possível. Nesse sentido, espera-se que para além da tradicional clínica, o psicólogo possa trabalhar com a promoção de saúde paralelamente a promoção de educação, pois essas duas esferas devem andar juntas cada vez mais no contexto comunitário.

Logoterapia, Psicologia Comunitária e Educação

As questões existenciais estudadas pela Logoterapia podem ser trabalhadas de um modo intersubjetivo, utilizando-se de contribuições teóricas e metodológicas da psicologia comunitária e educação (LEAL, SOUSA e SÁ, 2018). O objetivo da psicologia comunitária é de fortalecer a capacidade dos atores sociais de gerarem mudanças e análises críticas da realidade (CAMPOS, 1996, p. 175). Esta compreensão defende o compromisso social com as classes mais desfavorecidas e privilegia o trabalho com os grupos, colaborando para a formação da consciência crítica e para a construção de uma identidade social e individual orientadas por preceitos eticamente humanos (FREITAS, 1998).

Sabe-se que muitos estudiosos da Logoterapia têm percebido as novas demandas sociais existentes dentro de comunidades, sendo possível tomar conhecimento de muitos projetos de pesquisa, extensão, estágio, entre outros desenvolvidos com ênfase na dimensão social do ser humano. Através das práticas no ambiente educacional, por meio de discussões existenciais a partir de filmes ou de orientação vocacional, percebeu-se que a Logoterapia pôde ser aplicada de forma prática e de maneira muito eficiente ao se abrir espaços para discussão de inquietações existenciais que perpassam a vida de jovens, possibilitando a criação de um espaço de expressão, confronto e construção coletiva de ideias (COSTA *et al.* 2017).

A literatura destaca trabalhos desenvolvidos em Logoterapia de forma multidisciplinar no contexto da promoção de saúde (SÁ e BARBOSA, 2017; BASÍLIO *et al.* 2017; CAVALCANTI *et al.* 2017, LEAL, et al., 2018). A Logoterapia mostra um grande avanço metodológico ao buscar aplicações junto à comunidade, inovando e refletindo suas práticas de maneira que possa contribuir com a realidade social. No entanto, o contexto escolar público é um espaço que ainda precisa ser mais visto pela prática da psicologia. Configura-se como um espaço propício para a atuação da Logoterapia em parceria com a psicologia comunitária e a educação através do estímulo a reflexão existencial por meio de atividades com grupos (LEAL, SOUSA e SÁ, 2018). Assim, a promoção de saúde, bem como da educação ganha novas possibilidades de desenvolvimento social na medida em que teoria e prática se aproximam e avançam, favorecendo o máximo de pessoas possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade social do Brasil nos dias de hoje está longe de ser como se sonhava há muitos anos. Para isso, é preciso que os profissionais que atuam nesse meio social, seja no

contexto da saúde, da educação, ou outros, possam estar atentos as novas demandas que surgem. É possível perceber que há um aumento de práticas na psicologia, especialmente na Logoterapia, que se preocupam com o aspecto social do ser humano, no entanto, ainda há muito que se fazer.

Atender as necessidades comunitárias é uma prioridade para muitos profissionais da saúde e educação. Porém, o trabalho junto à base da sociedade está ainda escasso comparado a prática da clínica tradicional, sendo necessário que os profissionais da psicologia se abram para as inovações que surgem e se libertem de muitas atitudes reacionárias e conservadoras dentro da profissão que impedem o desenvolvimento e propagação de novos pressupostos teóricos e metodológicos que melhor atendem as demandas sociais.

O encanto pelas práticas tradicionais da psicologia não deve ser perdido, pois é de extrema importância continuar o trabalho que já se fez até aqui. O psicodiagnóstico, avaliação psicológica, psicoterapia individual, entre outros métodos clínicos ganharam a atenção da psicologia por décadas e esse modelo de se praticar essa ciência se propagou até o senso comum, que muitas vezes não consegue ver outra utilidade para a profissão senão as que foram citadas. O retorno financeiro devido à demanda já existente e a um trabalho já consolidado também contribui para que algumas determinadas áreas da psicologia prevaleçam em detrimento de outras.

Todavia, os mesmos profissionais que atuam na clínica, na escola, nas organizações, entre outros meios, devem perceber que em cada um desses espaços existem demandas sociais que não podem ser ignoradas, pois o ser humano se constitui como ser integral através de suas dimensões onde quer que esteja.

REFERÊNCIAS

ALLESSANDRINI, C. D. Oficina criativa e psicopedagogia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

ALMEIDA, N. F.; GONÇALVES, C. H. P. Leitura dramatizada: um olhar literário. Revista Transdisciplinar de Letras, Educação e Cultura da UNIGRAN, Dourados-MS, v. 2, n. 3, março-agosto de 2011.

AQUINO, P. L. S. d.; CAGOL, F. O sentido de vida no trabalho: contribuições da logoterapia para a qualidade de vida do trabalhador. *logos& EXISTÊNCIA REVISTA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL* 2 (2), 114-124, 2013.

CAMPOS, R. H. F. A Psicologia Social Comunitária. In: _____. (Org.) *Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 9-16.

COSTA, K M O P; LEAL, L A A; MORAIS, M C P; PINTO, S K; VELÔSO, T M G. psicologia e educação popular: relato de experiência de extensão universitária. *Anais I Congresso Nacional de Práticas Educativas*, Campina Grande, PB. V. 1, pp. 1-10, 2018.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. S. (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 51-66.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e sentido de vida**. São Paulo: Ed. Quadrante, 1973.

_____. *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**. São Paulo: Paulus, 2011.

FREITAS, M. F. Q.. Psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e psicologia (social) comunitária – práticas da psicologia em comunidade nas décadas de 60 a 90, no Brasil. In: CAMPOS, R. H. F. (Org.) *Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 54-80.

LUKAS, E. **Logoterapia: A força desafiadora do espírito**. Santos-SP: Loyola, 1989.

LEAL, L F M; SOUSA, V V S; SÁ, L B M. Logoterapia na escola: oficinas psicopedagógicas em uma escola municipal de Campina Grande, PB. *Anais III Congresso Brasileiro de Ciências da Saúde*, Campina Grande, PB, v.1, pp. 1-12, 2018.

MARTÍNEZ, C. M. Aportes a la psicoterapia com niños: orientando hacia el sentido de la vida. IN: VALIENE, S. S. **Logoterapia em acción: aplicaciones prácticas**. Buenos Aires: San Pablo, 2009.

MARQUES, S. *Sistematização da metodologia de exploração do acervo*. João Pessoa, 2011. Mimeografado.

MOREIRA, N; HOLANDA, A. Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. **Psico-USF (Impr.)**, Itatiba, v. 15, n. 3, p. 345-356,

NETO, V. B. L. **Tanatologia e logoterapia: um diálogo ontológico.** Revista Logos e existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial 1 (1), p. 38-49, 2012.

OLIVEIRA, A. D. S. Sobre o sentido do trabalho: entre Frankl e Dejours. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2013.

OLIVEIRA, F. P. et al. Psicologia Comunitária e Educação Libertadora. Psicologia: Teoria e Prática, vol. 10, n. 2, p. 147-161, 2008.

RAMOS, F. B. SENGRIK, A. S. Concepção de morte na infância. **Psicologia & Sociedade**, 25(2), 379-387, 2013.

Sengik, A. S. & Ramos, F. B. (2013). Concepção de morte na infância. *Psicologia & Sociedade*, 25(2), 379-387. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Brasil, 2013.

Torres, W. C. (2002). A criança diante da morte: desafios (2ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

VANDERLEY, L. O vazio vivo. In: PITTA, A. (Org.). Reabilitação psicossocial no Brasil. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 63-72.

VASCONCELOS, E. M. Redefinindo as práticas de saúde a partir da educação popular nos serviços de saúde. In: _____. (Org.). A saúde nas palavras e nos gestos. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 11-19.

XAUSA, I. A. M. **A psicologia do sentido da vida.** Campinas, SP: Vide Editorial, 2011.